

## A SEMANA – 90

John Gledson

Apesar de tudo, a proibição do carnaval de rua funcionara, não se sabe se por medo, por um inusitado respeito à lei, ou pela crise econômica, como o cronista maliciosamente sugere no fim do primeiro parágrafo. Muda de assunto, para uma polêmica entre um astrônomo alemão e um rival brasileiro, ambos igualmente absurdos. O que lhe interessa é menos a querela em si, do que o caráter das pessoas que se entusiasмам por tais matérias. O que lhe chama a atenção é o egocentrismo e o afastamento da realidade, a *abstração* que, além das diferenças, une astrônomos, atores e políticos aos que nas batalhas sangrentas só veem algarismos, demonstrando uma completa insensibilidade. Podemos lembrar o momento em *Dom Casmurro* (cap. CVI), em que Bento fica dando lições de astronomia a Capitu, ao longo de vinte minutos (!), e fica ciumento porque ela cochila.



## A SEMANA

11 de fevereiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Nunca houve lei mais fielmente cumprida do que a ordem que proibiu, este ano, as folias do carnaval. Nem sombra de máscara na rua. Fora da cidade, diante de uma casa, vi quarta-feira de cinza alguns *confetti* no chão. Crianças naturalmente que brincaram da janela para a rua, a menos que não fosse da rua para a janela. Os chapéus altos, que desde tempos imemoriais não ousavam atravessar aquela região do mundo que fica entre a rua dos Ourives e a rua Gonçalves Dias, e que é propriamente a rua do Ouvidor, iam este ano abaixo e acima, sem a menor surriada. Quem nos deu tal rigorismo na observância de um preceito? Se eu falasse em verso, diria que era o sentimento da situação, pois o verso tem vantagens que faltam inteiramente à prosa, não lhe sendo, aliás, superior em nada. Em prosa, creio que foi a certeza de que a ordem era séria. Pode ser também que a escassez do dinheiro...

Não se diga que calunio o meu século. Quem tem culpa, se há culpa, é o Sr. Dr. Sousa Lima,<sup>1</sup> que todos os anos dá uma edição nova dos seus conselhos e súplicas, lembra os regulamentos sanitários, e mostra a vanidade dos seus esforços higiênicos. Isto quando se trata de morrer, que é a ação mais dura para gente viva. Talvez haja demasiada confiança nos conselhos. Quanto aos regulamentos, se os considerarmos à luz da verdadeira filosofia (a falsa é a do meu vizinho), reconheceremos que não passam de puras abstrações. Há coisas mais concretas.

Também o céu possui os seus regulamentos, e nem por serem obra divina, são mais eficazes que os nossos. Pelo menos, há dúvidas sobre a significação de alguns dos respectivos artigos. Haja vista o desacordo do astrônomo Falb com o Sr. Dr. Antão de Vasconcelos.<sup>2</sup> Aprova o primeiro que o fim do século é o fim do mundo, pelo encontro

---

<sup>1</sup> O dr. Sousa Lima era Inspetor Geral de Higiene no Rio, e de vez em quando publicava avisos detalhados nos jornais sob a rubrica “Saúde pública”, explicando as suas ações e atitudes.

<sup>2</sup> Rudolf Falb (1838-1903), astrônomo e geólogo alemão, figura polêmica, conhecido por algumas teorias e predições, sobre vários assuntos, no mínimo arriscadas. Antão de Vasconcelos foi astrônomo, que mais tarde entrou numa polêmica acerca das estrelas na bandeira brasileira. Também era espírita (ver crônica de 24 de julho de 1892). Não encontrei esta polêmica, que não está nos jornais que consultei.

que se dará em 1899 entre a terra e certo cometa. O segundo contesta energicamente a predição alemã, e não com palavras, mas com raciocínios, com algarismos, com leis científicas, por onde se vê que a destruição da terra, nos termos anunciados, é meramente impossível. Quando muito, se acaso fosse admissível o encontro do cometa, haveria tal chuva de fogo, que acabaria com a vida animal; mas a terra propriamente dita continuaria a andar como dantes.

Não aparecendo ninguém para rebater ou apoiar as afirmações do nosso patrício, a questão morreu de silêncio. Entretanto, não falta amor à astronomia. Flammarion,<sup>3</sup> citado pelo Sr. Dr. Vasconcelos, é lido e meditado por muitas pessoas, que o céu atrai, como há de sempre atrair os homens. Creio até que, de todas as ciências, é a astronomia a que maior número conta de amadores. Qual será a causa deste fenômeno? Talvez a vertigem dos números. Realmente, por mais que a invisibilidade dos micróbios assombre a gente, não chega a tontear como os algarismos astronômicos.

Por exemplo, o cometa de 1811 – li na contestação do Sr. Vasconcelos – media da cabeça ao núcleo 1.800.000 (um milhão e oitocentos mil) quilômetros. Que extensão tinha a cauda de tal monstro? 176.000.000 de quilômetros; leiam bem, por extenso, cento e setenta e seis milhões de quilômetros. A marcha é de 42.000 metros por segundo; calculem por minuto, por hora, por dia e por ano. Mais tarde, o cometa de 1811 dividiu-se em dois, ficando vizinhos, com a distância apenas de 500.000 léguas.

Essa orgia de léguas e quilômetros é que há de dar sempre à astronomia maior número de amadores, do que têm a arte dramática e a política. Sabe-se que estes dois ofícios do espírito humano contam grande número de curiosos. Um homem, desde que tenha a voz dura e certo ar ferrenho, faz os pais desnaturados, os perseguidores do órfão e da viúva. A voz meiga escolhe as partes de galã. Às vezes, é o contrário, como nos teatros de obrigação;<sup>4</sup> mas cada um fica com o seu próprio ar, para não desmentir a natureza. A política seduz tanto ou mais. Nenhuma delas, porém, é comparável à astronomia.

A imaginação gosta de mergulhar nesses abismos de números, que nunca mais acabam. É um modo que o homem tem de se fazer crescer a si mesmo. Há também um sentimento, que não sei como defina; melhor é dizer a coisa com muitas palavras que com uma. A pessoa que nos refere de um cometa que anda quarenta mil metros por segundo, parece que os contou por si mesma, relógio na mão. Tem não sei que consciência de haver andado por seus próprios pés os cento e oitenta milhões de quilômetros de um desses bichos. É um sentimento muito particular.

---

<sup>3</sup> Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo francês, famoso em parte pelos seus livros de vulgarização, foi também adepto do espiritismo, e em 1893 publicou *La fin du monde*, romance de ficção científica, que trata justamente de uma colisão entre a terra e um cometa.

<sup>4</sup> Não pude saber o que eram estes teatros.

Quem sabe se a vertigem dos números não é a explicação dos oito mil e tantos contos, pedidos ao conselho municipal por quinhentos e tantos bois?<sup>5</sup> Há duas astronomias, a do céu e a da terra; a primeira tem astros e algarismos, a segunda dispensa os astros, e fica só com os algarismos. Mas há também entre o céu e a terra, Horácio, muitas coisas mais do que sonha a vossa vã filosofia.<sup>6</sup> Uma dessas coisas é, como digo, a vertigem dos números. No tempo do dilúvio (1890-1891)<sup>7</sup> havia aqui um homem que acordou um dia com vinte mil contos; foi o que me disseram. Uma semana depois afirmaram que tinha trinta mil, e dois dias mais tarde, quarenta, cinquenta, sessenta mil contos de réis. Antes de um mês subira a cento e dez mil. Empobreceu com duzentos mil contos. A verdade é que nunca tivera mais de quinze mil. Mas a imaginação do vulgo, principalmente o vulgo pobre, não se contenta em dar a um homem pequenas quantias. Gosta dos Cresos. Suas esmolas são minas de diamantes. Ofir e Golconda são os seus bancos.<sup>8</sup>

Os bois podem explicar-se por essa razão psicológica. Senhores, eu conheci um homem que, durante a guerra de 1870,<sup>9</sup> não era francês nem alemão, mas *aritmético*. A volúpia com que ele falava das centenas de milhares de soldados, era única; parecia que ele os comandava a todos de um e outro lado, que compusera os dois exércitos, que eram seus, sangue do seu sangue, carne de sua carne. A batalha de 24 de maio, na guerra do Paraguai,<sup>10</sup> mostrou-me igual fenômeno; um sujeito, aliás bom patriota, tão fascinado ficou pelo número dos combatentes, que não atendia ao fulgor da batalha, e dizia que era a primeira da América do Sul, não pelos prodígios de valor, mas pela quantidade dos homens.

Assim este caso. Oito mil contos, guardada a distância que vai da terra ao céu, é alguma coisa parecida com a cauda do cometa de 1811.



---

<sup>5</sup> Assunto recorrente nos jornais: o fornecimento de carne fresca à cidade era dominado por um monopólio, que pedia preços exorbitantes. Ver também crônica de 4 de novembro de 1894, nota 2.

<sup>6</sup> *Hamlet*, ato I, cena V, linha 116: talvez a citação mais frequente na obra de Machado.

<sup>7</sup> Isto é, o Encilhamento.

<sup>8</sup> Cresos, último rei da Lídia (r. 560-546 a.C.), famoso pela sua riqueza fabulosa. Ofir e Golconda: lugares sinônimos de ouro e riqueza. Ofir, cidade semi-mítica, foi famosa na Antiguidade, e é mencionada várias vezes no Velho Testamento; foi identificada com as minas do rei Salomão. Golconda fica perto de Hyderabad, na Índia; lá foram descobertos alguns dos diamantes maiores e mais famosos do mundo.

<sup>9</sup> A Guerra Franco-Prussiana.

<sup>10</sup> A Batalha de Tuiuti, que teve lugar no dia 24 de maio de 1866. Foi, como dizia o patriota, a maior ocorrida na América do Sul, com 30.200 soldados paraguaios, e 32.400 aliados. Os paraguaios perderam 13.000 homens, entre mortos e feridos, os aliados, pouco menos de 4.000.